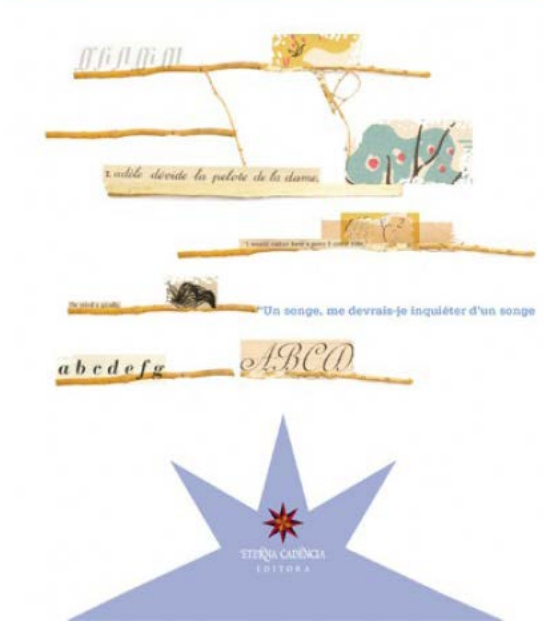


Vivir entre lenguas, de Sylvia Molloy¹



623

Ariele Louise

Universidade Federal de Santa Catarina

Vivir entre lenguas, de Sylvia Molloy, foi publicado no ano de 2015 pela editora Eterna Cadencia. Com o trilinguismo da narradora, que fala espanhol, inglês e francês, mas, a partir do espanhol, conta, em forma de anotações, de breves histórias, episódios de reflexão sobre os usos das línguas, em cenários que envolvem família, amigos, cultura, imigração, profissão.

A narradora comenta modos de ser bilíngue, ou trilingue, constrangimentos e afetações em relação a si e a outros, por causa dos usos, ou não usos, da(s) língua(s), enquanto se pensa, fala e

¹ MOLLY, Silvia. *Vivir entre lenguas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2015, 80 páginas.

escreve em outros idiomas, com perguntas sobre os seus usos e sobre seus esquecimentos, imiscuindo nessas narrativas ficções na ficção, armadilhas que a memória e as certezas de si pregam.

“Mezcla” é título de um dos textos, mas já aparece no livro anteriormente, em “Pérdida”, assim: “La mezcla, el ir y venir, el *switching* pertenece al dominio de lo *unheimliche* que es, precisamente, lo que sacude la fundación de la casa” (MOLLOY, 2015, p. 15). A relação entre a mescla e o estremecimento pode também ser pensada via esquecimento e memória, isso pode ser lido em uma das epígrafes do livro: “Hay una voz desterrada que persiste en mis sueños”, de Vicente Huidobro em *El ciudadano del olvido*. Essa “Ideia do imemorial”, da “aporia do sonho e da recordação”, diz Giorgio Agamben, a que acedemos como algo que nunca foi, e que tende da atenção à distração, culminaria no pensamento como um estremecimento (AGAMBEN, 1999, p. 58).

Lemos “mezcla” também na narrativa “Territorio”, do seguinte modo:

La casa reproduce las divisiones en la novela familiar: español con la madre, inglés con el padre. Mezcla (cuando no te oyen) entre hermanas, como una suerte de lengua privada. (MOLLOY, 2015, p. 19).

Na língua falada com a irmã, a mescla é o que acontece nos momentos de descontrolo, quando não estão sendo fiscalizadas, vigiadas, reguladas, conferidas, inspeccionadas, monitoradas.

Ainda em “Territorio”:

Reconocí esa misma mezcla en uno de mis viajes a Buenos Aires, en una tienda de artículos regionales, *of all places*. Dos mujeres, más o menos de mi edad, bien vestidas, están mirando unas bufandas de alpaca, hablan entre sí. *Esta le va a quedar bien, don't you think, pero no quiero gastar tanto, it's quite expensive, che*. The *switching* is effortless: tendrá sus reglas pero yo, como hablante, no las conozco: *switcheo*, no analizo. Pienso: estas mujeres deben de haber ido al mismo colegio que yo, y ahora que no las oyen los padres, mezclan. (MOLLOY, 2015, p. 19-20).

As mulheres no mercado “*switchean*” fluentemente. E se a casa reproduzia as mesmas divisões da novela familiar, a divisão

linguística se repetia na escola, chamada de “colegio inglés”, mesmo sendo bilíngue. Pelas manhãs, falava-se rigorosamente inglês, nas tardes, espanhol. Os estudantes eram punidos severamente se falassem espanhol no período matutino, três ocorrências: expulsão. O contrário não acontecia. Tudo bem falar inglês no período vespertino. Sobre os chistes, ela conta, ainda, que “la anécdota se contaba en inglés pero ‘las partes’ solo se nombraban en español [...]” (MOLLOY, 2015, p. 19).

Já o texto intitulado “Mezcla”, texto seguinte a “Territorio”, comenta a anedota em que José Bianco, em visita à universidade de Princeton, é perguntado sobre Américo Castro² quando este viveu em Buenos Aires, tendo respondido que ele era “muy simpático, encantador, y que hablaba como una señora bien argentina.” (MOLLOY, 2015, p. 21-22): “Cada tres palabras en español, dejaba caer dos en francés.” (MOLLOY, 2015, p. 22), num sentido não tão fluente de “switch”, mas de “cita, tan típico del argentino algo afectado, o de quien anda entre argentinos afectados, no necesariamente bilingües.” (MOLLOY, 2015, p. 21).

A mescla só pode ser feita porque existe a diferença e, como escreve Werner Hamacher, em *95 tesis sobre la filología* (2011), na tese 1, “Los elementos del lenguaje se dilucidan reciprocamente. Hablan por aquello que aún queda por decir de lo dicho, hablan unos con otros como agregados filológicos. El lenguaje es archifilología.” e, na tese 2, os elementos da linguagem “ofrecen agregados a lo dicho en cada ocasión, hablan unos para otros como testigos, abogados y traductores que abren lo dicho a lo que se ha de decir [...]” (HAMACHER, 2011, p. 9), ou seja, na língua podemos ler nossos movimentos.

Pode-se dizer também que em *Vivir entre lenguas* a escrita labora mais com a memória, num crescente que já existe em *Desarticulaciones*, o que, por exemplo, em *Em breve cárcere*, publicado em 1981, traduzido pela editora Iluminuras ao português brasileiro em 1995, é menos evidente. Neste, o procedimento de escrita flerta mais com as mudanças nos pensamentos enquanto se escreve.

² Jorge Luis Borges teve *une querelle* linguística com Américo Castro, que pode ser melhor compreendida com a leitura do texto *El idioma de los argentinos: Cultura y discriminación*, de Ivonne Bordelois e Angela Di Tullio, da Universidade de Buenos Aires. Disponível em: <http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v06/bordelois.html>. Acesso em: 5 nov. 2016.

Nesta escrita recente de Sylvia, os valores culturais ambivalentes expõem forças de multiplicidade e de homogeneidade, eludem o isolamento e esquecimento a que a fala – ou seja, a vida, a memória, o futuro – pode estar sujeita caso não haja a troca de correspondências.

Há humor entre as irmãs que mesclam, desobedecendo regras arbitrárias, no riso das piadas – aliás, o riso estremece o corpo. Talvez esse humor seja um tanto diferente da anedota sobre José Bianco e Américo Castro, pois há nele nuance de infância, como se estivéssemos presentes quando os vagalumes acendem e, sabendo de sua existência, entre esquecimento e lembrança, aguardássemos pelo seu reconhecimento.

O livro de Sylvia Molloy tem obviamente muitos outros aspectos, começo a pensar nele por esses, para que, enquanto eu me demore nele, outras montagens se irão surgindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. Ideia do imemorial. In: _____. *Ideia da prosa*. Tradução, prefácio e notas de João Barrento. Lisboa: Edições Cotovia, 1999.

HAMACHER, Werner. Traducción de Laura S. Carugati. Buenos Aires: Miño y D'Ávila Editores, 2011.

MOLLOY, Sylvia. *Desarticulaciones*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2010.

_____. *Em breve cárcere*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.

STERZI, Eduardo. Cadáveres, vagalumes, fogos-fátuos. *Eutomia Revista de Literatura e Linguística*, v. 1, n. 9, p. 130, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/879/662>>. Acesso em: 7 nov. 2016.